

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP  
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA – DAP  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIBIC

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA CIDADE DE MANAUS: UM OLHAR  
SOCIOLOGICO DOS SEUS VELHOS

Bolsista: Maria Beatriz D’Antona, CNPq

MANAUS

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP  
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA – DAP  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIBIC

RELATÓRIO FINAL

PIB-H.0049.2010

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA CIDADE DE MANAUS: UM OLHAR  
SOCIOLOGICO DOS SEUS VELHOS

Bolsista: Maria Beatriz D'Antona, CNPq

Orientador: Antônio Carlos Witkoski

MANAUS

2011

## **Resumo**

Após a implementação da Zona Franca de Manaus (ZFM), hoje Polo Industrial de Manaus (PIM), a cidade de Manaus passou por um processo de transformação urbano/industrial de grande significação em todo o seu tecido social. Através das representações sociais dos seus velhos construímos um mapa de assuntos e/ou temas mais representativos do seu passado, presente e futuro, tendo como divisor de águas a implantação da Zona Franca de Manaus. Como indicam os estudos sociológicos, toda sociedade é instituída de representações sociais que tem como intuito tornar familiar algo que não é, ou seja, uma forma de classificação e instituição de velhas e novas ocorrências e idéias, com as quais não tínhamos contato permitindo assim a compreensão a partir de idéias, valores e teorias pré-existentes e aceitas pela sociedade. Outra compreensão é a de que as representações sociais significam a produção/reprodução de uma percepção retida nas lembranças dos homens. Podemos afirmar assim que as classes sociais e/ou os grupos sociais, que formam a sociedade, cada qual a seu modo, possuem representações sociais a respeito dos mais diversos assuntos e/ou temas que envolvem a sociedade como um todo. Utilizamos na pesquisa a entrevista semiestruturada e a observação direta por meio do diário de campo. Os informantes são todos do sexo feminino pelo fato de terem poucos homens nas atividades da instituição escolhida – *Projeto Idoso Feliz* – e os temas explorados nessa pesquisa foram os que estiveram presentes em todas as entrevistas, noutras palavras, as questões mais recorrentes. Mediante a realização da pesquisa descobrimos que os temas da moradia, as formas de sociabilidade, a segurança pública, a política, a educação, o meio ambiente e a própria implantação da Zona Franca de Manaus são dimensões extremamente relevantes presentes nas representações sociais dos velhos da cidade de Manaus quando consideramos seu passado, seu presente e seu futuro.

**Palavras-chave:** Manaus, velhos; representação social; memória.

# SUMÁRIO

<b>1. Introdução.....</b>	<b>04</b>
<b>2. Fundamentação teórica.....</b>	<b>09</b>
2.1 Representações sociais .....	09
2.2 Memória .....	13
2.3 Memória de velhos e envelhecimento.....	16
<b>3. Desenvolvimento.....</b>	<b>19</b>
3.1 Representações sociais dos velhos da cidade de Manaus antes da implantação da Zona Franca de Manaus.....	19
3.2 A Manaus de hoje.....	22
3.3 Representações sociais do futuro.....	27
<b>4 Considerações Finais.....</b>	<b>30</b>
<b>5. Referências.....</b>	<b>33</b>
<b>6. Cronograma de Atividades.....</b>	<b>36</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como objetivo evidenciar as representações sociais dos velhos acerca do passado, do presente e do futuro de Manaus, tendo como marco referencial a implantação da Zona Franca de Manaus (ZFM) – hoje Polo Industrial de Manaus (PIM). Em razão de a cidade ter passado por mudanças profundas temos como preocupação central evidenciar as representações sociais dos velhos que moram em Manaus a respeito do passado, presente e futuro da sua cidade.

Como indicam os estudos sociológicos, toda sociedade é instituída de representações sociais que tem como intuito tornar familiar algo que não é, ou seja, uma forma de classificação e instituição de velhas e novas ocorrências e ideias, com as quais não tínhamos contato permitindo assim a compreensão a partir de ideias, valores e teorias pré-existentes e aceitas pela sociedade. Outra compreensão é a de que as representações sociais significam a produção/reprodução de uma percepção retida nas lembranças dos homens. Podemos afirmar assim que as classes sociais e/ou os grupos sociais, que formam a sociedade, cada qual a seu modo, possuem representações sociais a respeito dos mais diversos assuntos e/ou temas que envolvem a sociedade como um todo.

O primeiro objetivo específico pretender evidenciar as representações sociais dos velhos da cidade de Manaus antes da implantação da Zona Franca de Manaus – ZFM. Assim, pretendemos revelar como era, na concepção dos nossos informantes, a cidade de Manaus em suas diferentes dimensões resgatando aspectos importantes de sua memória.

O segundo objetivo específico pretende demonstrar as representações sociais dos velhos da Manaus de hoje em razão das modificações trazidas pela implantação da Zona Franca de Manaus e suas consequências socioeconômicas e políticas na cidade.

Por último pretendemos expor as representações sociais dos velhos sobre o futuro da cidade de Manaus. Aqui objetivamos revelar quais são as expectativas deles para a cidade, qual o seu olhar das consequências de hoje sobre o amanhã e até mesmo saber qual a sua visão da Manaus do futuro.

Temos em vista que as mudanças ocorreram pelo fato da necessidade do crescimento urbano, pela vinda de pessoas de várias partes do País fazendo com que culturas e valores se misturassem. Acreditamos que a partir das representações sociais poderemos saber como ocorreu essa metamorfose urbano-social para as pessoas que a vivenciaram – o que, para nós, os velhos podem muito nos revelar.

A pesquisa abordou os indivíduos com a faixa etária próxima ou superior a 70 anos, de diferentes classes sociais da época, pois, como sabemos, há tempos atrás poderia ter uma qualidade de vida diferente da que tem hoje. Acreditamos que ao privilegiar pessoas de faixas etárias diferentes poderemos melhor responder os objetivos propostos.

Ao trabalharmos com memória tivemos que considerar que não poderíamos nos focar inicialmente a temas que teríamos mais curiosidade, pois tudo depende do que a cidade representou para os informantes e o que ele guarda na memória. Como diz Bosi (1994), a lembrança é a sobrevivência do passado e ela depende muito do relacionamento do indivíduo com a família, classe social, grupos de convívio etc. Mais do que isso: lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado.

As inflexões que tivemos que fazer diz respeito tão somente às entrevistas, pois precisamos adiá-las em favor da disponibilidade dos informantes. As entrevistas foram

realizadas nos meses de fevereiro e março de 2011. Contudo, foram feitas entrevistas exploratórias no decorrer desses seis meses a fim de saber quais temas e/ou assuntos surgiriam e para a construção do roteiro da entrevista semiestruturada.

Como sabemos, a metodologia é o caminho e os instrumentais próprios utilizados pelo pesquisador na abordagem da realidade – o que implica sempre no uso potencial de sua capacidade criativa. Além disso, não podemos deixar de considerar que a investigação do mundo social é sempre condicionada por um corpo de teorias que, de um modo ou de outro, comparece no ato da pesquisa – daí a feliz expressão de Bourdieu (1980) de que a pesquisa é, e nunca deixará de ser, sempre, uma teoria em ato. A metodologia inclui, ao mesmo tempo, a opção por um conjunto de técnicas de coleta de dados que nos possibilita a apreensão da realidade – o que se relaciona com a própria natureza do objeto investigado. Optamos pela pesquisa qualitativa, pois ela

responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantitativo. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (DESLANDES, 2007).

Em razão da perspectiva metodológica adotada utilizamos dos seguintes instrumentos de coleta de dados para a realização da pesquisa: 1 plano de leituras de textos clássicos sobre a categoria de representação social no sentido de compor o conjunto das categorias a ser usados na pesquisa; 2 uso de entrevista semiestruturada e/ou a utilização eventual da história de vida com os sujeitos sociais da pesquisa – os velhos – visando responder aos objetivos propostos.

Em função da disponibilidade dos informantes as entrevistas foram realizadas a partir do mês de fevereiro do ano de 2011. Entrevistamos dez pessoas, mas acabamos por utilizar apenas seis entrevistas, por atenderem aos objetivos propostos.

Durante a realização das entrevistas utilizamos a máquina fotográfica e o gravador digital. Outra técnica de pesquisa foi a observação direta, através do uso do diário de campo, anotando informações adicionais durante as visitas aos entrevistados, pois, como argumenta Bosi (1994, p.34), “as mais vivas recordações afluíam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão”.

Não tivemos inicialmente a preocupação de delimitar os temas e/ou assuntos para a realização das entrevistas, pois se trata fundamentalmente da memória dos indivíduos. Estruturamos o roteiro com temas e/ou assuntos gerais e escolhemos aqueles que foram mais recorrentes entre os entrevistados para ser analisado.

Atendendo a exigência do Comitê de Ética em Pesquisa escolhemos o *Projeto Idoso Feliz*, da Universidade Federal do Amazonas, que existe há dezoito anos, para realizarmos a pesquisa. As pessoas entrevistadas foram todas do sexo feminino, pois o maior número de participantes são mulheres e os poucos homens que fazem parte do Programa não são muito acessíveis ao trabalho de pesquisa. A estrutura do *Projeto Idoso Feliz* encontra-se estruturado em dois grupos: o primeiro com pessoas de 45 anos a 59; o segundo grupo com pessoas a partir dos 60 anos. Para atender os objetivos da pesquisa, utilizamos o segundo grupo e, no seu interior, buscamos as pessoas que tivessem a idade de 75 anos ou mais de 75 anos.

Como a instituição não possui um arquivo atualizado das pessoas que frequentam o *Idoso Feliz*, utilizamos a lista de frequência da disciplina mais cursada – a disciplina de Gerontocoreografia – e a partir dela relacionamos os que menos tinham faltas e através desse índice escolhemos os entrevistados. Assim, dos 40 matriculados, 19 frequentavam assiduamente o Programa. Dos 19, foram escolhidos 10. Dos 10, usamos na pesquisa as 6 melhores entrevistas. É importante ressaltar aqui que optamos em usar somente as iniciais dos entrevistados mantendo-os em sigilo.



## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

As categorias estruturantes da pesquisa são as representações sociais, memória e velhos. Foi necessário um estudo das mesmas para termos ter um embasamento teórico e científico. Não podemos deixar de considerar aqui que a questão do envelhecimento, tão bem tratado pela psicóloga social Ecléa Bosi, autora da obra *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*, foi o texto central que nos inspirou nessa aventura sociológica. Em razão da natureza do referencial teórico optamos por expô-lo em três tópicos.

### 2.1 Representações sociais

Os clássicos da sociologia enfocam a questão das representações sociais nos seus mais diferentes trabalhos, embora não utilizem essa nomenclatura. Durkheim, por exemplo, trabalha com as representações coletivas, Weber reflete sobre a questão das ações sociais e sua conexão de sentido, enquanto que Marx opera com a noção de ideologia.

Durkheim foi o primeiro autor a trabalhar com a noção de representações sociais, mas usando no mesmo sentido que em representações coletivas que trata justamente das formas de pensamentos, ou categorias, que as sociedades elaboram e expressam sua realidade. Durkheim afirma que essas categorias surgem ligadas aos fatos sociais sendo passíveis de observação e interpretação. Para ele as representações coletivas embora se realizem nos indivíduos, elas continuam a ser representações coletivas, dito de outro modo, elas conservam a marca da realidade social onde nascem, mas são independentes, se misturam e se reproduzem.

Como diz o próprio Autor (1978),

As representações coletivas traduzem a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objetos que o afetam. Para compreender como a sociedade se representa a si própria e ao mundo que a rodeia, precisamos considerar a natureza da sociedade e não do indivíduo. Os símbolos com que ela se pensa mudam de acordo com a sua natureza [...]. Se ela aceita ou condena certos modos de conduta, é porque entram em choque ou não com alguns dos seus sentimentos fundamentais, sentimentos estes que pertencem à sua constituição (p.79).

Na sociologia compreensiva de Weber também há estudos acerca das representações sociais. O autor trabalha as ideias numa visão de mundo acreditando que a vida social é carregada de significação cultural e que, portanto as idéias são juízos de valor que os indivíduos dotados de vontade possuem. Weber ao utilizar o termo visão de mundo quer expor que toda sociedade possui concepções abrangentes e únicas e essas por sua vez são criadas na interação dos homens.

Marx, em contrapartida, acredita que a consciência é a categoria mestra para trabalhar as ideias, as representações e os pensamentos, mas que é a base material – o ser social – que determina a consciência. Podemos observar isso com as suas próprias palavras

Não é a consciência que determina a vida, mas é a vida que determina a consciência. [...] A consciência é desde o início um produto social: ela é mera consciência do meio sensível mais próximo, é a conexão limitada com outras pessoas e coisas fora do indivíduo (MARX, 1984, pp. 43-5).

Marx (1984) também argumenta que as representações sociais são produzidas socialmente mediadas pela natureza

As representações que [os] indivíduos elaboram são representações a respeito da sua relação com a natureza, ou sobre suas mútuas relações, ou a respeito de sua própria natureza. É evidente que, em todos estes casos, estas representações são a expressão consciente – real ou ilusória – de suas verdadeiras relações e atividades, de sua produção, de seu intercambio, de sua organização política e social (p. 36).

As representações sociais ganham, entretanto, estatuto teórico, com Moscovici (2003), o qual afirma que nelas ocorrem dois processos simultaneamente – a objetivação e a ancoragem. No primeiro, as ideias abstratas transformam-se em imagens concretas, através do reagrupamento de ideias e imagens do assunto. No segundo, a ancoragem, prende-se com a assimilação das imagens criadas pela objetivação, sendo que essas novas imagens juntam-se às anteriores formando novas categorias.

Moscovici (1995) afirma que a teoria das representações sociais possui o papel de conferir à racionalidade da crença coletiva e sua significação, portanto, às ideologias, aos saberes populares e ao senso comum. Apoiando-se em Durkheim, relata que as representações sociais são racionais, não por serem sociais, mas porque elas são coletivas. Um indivíduo isolado e só não poderia sê-lo.

Entre todas as categorias expostas aqui é a construção feita por Jodelet que detém hoje o maior consenso entre a comunidade científica e os que estudam as representações sociais:

Representação social é uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social (JODELET, P.22, 2001)

As representações sociais foram criadas para nos informar sobre o mundo à nossa volta, como nos ajustar a ele, como nos comportar e, além disso, como dominá-lo física ou intelectualmente a fim de resolver os problemas que se apresentam. As representações são sociais porque nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva.

A falta de informação e a incerteza da ciência favorecem o surgimento das representações sociais que vão circular de boca em boca ou pular de um veículo de comunicação a outro pelo fato de que um acontecimento surge no horizonte social, que não pode se mostrar indiferente e por isso mobiliza medo, atenção e uma atividade cognitiva para compreendê-lo, dominá-lo e dele se defender.

Assim que as representações sociais são elaboradas, elas se inscrevem nos quadros de pensamentos preexistentes e enveredam por uma moral social. As instâncias ou substitutos institucionais ou rede de comunicação informal ou a mídia intervêm na sua elaboração, abrindo caminho a processos de influência e até mesmo de manipulação social.

As representações sociais expressam aqueles que as forjam e dão uma definição específica ao objeto por elas representado. Estas definições partilhadas pelos membros do grupo constroem uma visão consensual da realidade para esse grupo. Esta visão pode entrar em conflito com a de outros grupos, ou seja, é um guia para as ações e trocas cotidianas.

Jodelet (2001) afirma ainda que muitos comparam ou até mesmo confundem as representações sociais com o senso comum, pelo fato de ser um saber natural. Contudo, argumenta a Autora, ela é tida como um objeto de estudo legítimo devido a sua importância na vida social, à elucidação dos processos cognitivos e das interações sociais.

Desse modo, as representações sociais além de orientar as condutas humanas, elas organizam as múltiplas formas da comunicação humana. Segundo as palavras da Autora (2001),

elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais (p. 22).

A partir dessa compreensão podemos pensar como as representações sociais dos velhos podem contribuir para o desenvolvimento da pesquisa, afinal com a experiência de vida deles podemos saber como os fatores externos contribuíram ou influenciaram a vida dos mesmos. Podemos também buscar o que aconteceu de parecido na vida dos informantes, mesmo que eles não tenham tido um convívio próximo e nem qualidade social e econômica parecidas.

Através do saber dos velhos podemos expressar como a cidade foi representada por eles e o que a cidade de Manaus representou para eles, contribuindo assim para construção de valores pessoais, morais acerca da cidade de Manaus – o que, aliás, é reforçado por Jodelet (2001, p. 22): “as representações [sociais] são abordadas concomitantemente como produto e processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e de elaboração psicológica e social dessa realidade”.

## **2.2 Memória**

A memória é uma categoria muito importante para o desenvolvimento da pesquisa, pois através de sua exploração podemos ter informações a respeito da cidade de Manaus e não nos referimos somente ao passado, mas ao presente e ao futuro simultaneamente, pois a memória é um exercício diário e também é através dela que podemos pensar o futuro.

Vejamos o que Gondar (2005) nos revela a esse respeito:

Há sempre uma concepção de memória social implicada na escolha do que conservar e do que interrogar. Há nessa escolha uma aposta, um penhor, uma intencionalidade quanto ao porvir. Tanto quanto o ato de recordar, nossa perspectiva conceitual põe em jogo um futuro: ele desenha um mundo possível, a vida que se quer viver e aquilo que se quer lembrar. O conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja. Seja qual for a escolha teórica em que situemos, estaremos comprometidos ética e politicamente (p.17).

Essa afirmação de Gondar também nos alerta para o fato de que o indivíduo lembra somente daquilo que lhes marcou e, mais ainda, aquilo que lhe dar prazer – o que nos leva a crer que o esquecimento torna-se necessário a uma vida saudável. Também ficamos cientes de que no momento em que as pessoas buscam lembranças podem nos trazer nas suas representações sociais, suas ilusões entre outros aspectos, noutras palavras, que teremos *versões* da cidade de Manaus – o que, em última instância, são lembranças.

Gondar (2005) também chama atenção da relação do indivíduo com o seu passado, pois isso influencia muito na questão da memória e da idealização do que poderia ter sido. É a partir do presente que a lembrança ressuscita o passado, é através do hoje que a memória aciona nossas lembranças.

A memória é uma construção processual e social, pois ao reconstituirmos o passado estaremos falando das situações que mais nos marcaram, questões que falem mais ao nosso respeito. E a verdade reside no que é sempre o mesmo, subtraído ao tempo. A passagem a seguir explica muito bem isso:

O homem espera da memória é que ela o salve da degradação, que o retire do tempo, conduzindo-o às verdades eternas formas imóveis e anteriores a tudo que se constrói, a tudo que muda, a tudo o que é acidental e contingente (GONDAR, 2005, p. 19).

Outro cuidado que Gondar (2005) assinala é que se deve ter ao estudar a questão da memória social são os fatos em que o indivíduo não vivenciou, mas lembra como se tivesse vivido. Isso ocorre porque muitas vezes escutamos histórias de nossa família, de amigos, pessoas próximas e acabamos absorvendo com uma convicção própria, como se tivéssemos vivenciado.

Bosi (1994), de outra maneira, nos confirma essa compreensão:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. [...]. A

lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça, a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista (p.55).

Torna-se necessário aqui nos remetermos ao pensamento de Halbwachs (2006) o qual supõe que as lembranças podem se organizar de duas maneiras, agrupando-se em torno de uma pessoa ou se distribuindo no interior da sociedade:

Existiriam memórias individuais e, por assim dizer, memórias coletivas. Em outras palavras, o indivíduo participaria de duas memórias. Não obstante, conforme participa de uma e de outra, ele adotaria duas atitudes muito diferentes e até opostas. Por um lado, suas lembranças teriam lugar no contexto de sua personalidade e de sua vida pessoa [...]. Por outro lado, em certos momentos, ele seria capaz de se comportar simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo (p.72).

Halbwachs (2006) afirma que a memória coletiva possui uma essência das experiências e memórias individuais, porém em nenhum momento se confunde com elas. Em contrapartida a memória individual necessita de pontos de referências exteriores a si determinados pela sociedade.

A memória social possui um leque de funções e utilidades na vida cotidiana das pessoas. Ela serve para resgatar lembranças de um grupo, reconstituir pedaços da história de um determinado local, formar representações sociais a fim de reunir pessoas com o mesmo meio histórico ou social. Ela pode ser encontrada através de acervos em museus, em livros e em diálogos.

Assim, como diz Gondar (2005), a memória é apontada com frequência como elemento essencial da identidade, do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução em si.

### **2.3 Memórias de velhos e envelhecimento**

A obra de Ecléa Bosi, *Memória e Sociedade: lembranças de velhos* (1994), nos inspirou muito para desenvolver a pesquisa na medida em que utilizamos o termo *velhos*. Bosi faz referência às representações sociais e a memória que são, como dissemos, as duas das categorias estruturantes dessa pesquisa.

Bosi adverte que quando um indivíduo de idade está se ocupando de lembrar ele não está descansando e nem se entregando às delícias de uma nostalgia. Ele se ocupa conscientemente de seu próprio passado, ou seja, da essência maior de sua vida.

Escolhemos as representações sociais das pessoas da “chamada terceira idade”, em razão dos argumentos da própria Bosi (1994):

Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecível: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade (p.60).



Para entendermos as mudanças é necessário procurar aqueles que as presenciaram, pois a partir delas poderemos entender o dia de hoje e começarmos a idealizar um futuro. Como dito, eles possuem a função de aconselhar e a partir das suas experiências e de suas visões de mundo, podem nos recomendar ou nos advertir a respeito do futuro, de quais mudanças são necessárias para um verdadeiro desenvolvimento, seja ele intelectual, social ou estrutural.

A diversidade de acontecimentos e episódios que a cidade de Manaus já presenciou podem ser descobertas, contadas, recontadas através da memória de seus velhos:

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode nos chegar pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador da cultura com a mísera figura do consumidor atual (BOSI, 1994, p.82).

Há também outros fatores que deveríamos compreender para ajudar os nossos velhos, para que mudemos o quadro brasileiro em relação a quem tanto já fez. Tomaremos como exemplo o que Bosi (1994) afirma:

O velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo homem. O coeficiente de adversidade das coisas cresce: as escadas ficam mais duras de subir, as distancias mais longas a percorrer, as ruas mais perigosas de atravessar, os pacotes mais pesados de carregar. O mundo fica eriçado de ameaças, de ciladas. Uma falha, uma pequena distração são severamente castigadas (p. 79).

Como diz Neri (2007), a exclusão social promovida por atitudes, preconceitos e estereótipos limita o acesso dos velhos aos recursos sociais e lhes acarreta isolamento, senso de inferioridade, baixo senso de auto-ética e incompetência comportamental. Sociedades que excluem seus velhos oferecem poucas oportunidades às novas gerações de construir relações saudáveis com a própria velhice e prejudicam a continuidade cultural.

Desse modo, durante a velhice os velhos deveriam continuar engajados em causas que não envelhecem, que eles continuam fazendo sem nenhum problema. Seria esse um remédio contra os danos do tempo. Com a criação do *Estatuto do Idoso* a situação dos velhos melhorou no Brasil:

O *Estatuto do idoso* [...], ampliou em muito a resposta do Estado e da sociedade às necessidades dessas pessoas. Trata dos mais variados aspectos da sua vida, abrangendo desde direitos fundamentais até o estabelecimento de penas para crimes cometidos contra as pessoas idosas (BRASIL, Ministério da Saúde, 2003, p. 5).

Houve, assim, uma considerável melhora, porém não é suficiente pelo fato de que nem todos os velhos têm acesso ao *Estatuto do Idoso* e nem conhece seus direitos. Mas as mudanças positivas que ocorreram e que estão ocorrendo dizem respeito aos velhos mais saudáveis, com maior interação social, entre outros.

Com a inclusão dos velhos poderemos obter maiores sucessos na interação com os mais novos ocasionando uma troca de valores e de saberes e, assim, muitas coisas podem melhorar no seio de nossa sociedade.

### **3. DESENVOLVIMENTO**

#### **3.1 Representações sociais dos velhos da cidade de Manaus antes da implantação da Zona Franca de Manaus (ZMF)**

As questões refletidas a seguir compõem os pontos em comum entre os entrevistados a respeito de Manaus e o que envolve as experiências dos mesmos em conjunto com a cidade.

As praças da cidade de Manaus tiveram uma extrema importância na vida das pessoas. É importante frisar que o número de praças era bem maior do que temos hoje e isso reflete na mudança escolhida para o desenvolvimento da cidade.

Nas praças aconteciam vários eventos: encontros intelectuais, de família, era um local para as crianças brincarem, ponto de encontro entre os jovens e, principalmente, aonde as pessoas iam namorar. As praças eram utilizadas para as mobilizações sociais e políticas, sendo realizadas dentro e ao redor das mesmas ou, pelo menos, eram os pontos iniciais.

Além disso, as bandas e/ou blocos de carnaval saíam de alguma praça e após o desfile retornavam para a praça e seus arredores. A praça da Saudade e a de São Sebastião são exemplos das praças que eram utilizadas para o carnaval.

As pessoas entrevistadas moravam em bairros, porém o centro da cidade aparece como cenário principal. Os acontecimentos de maior relevância tinham como palco a parte central da cidade. Os pequenos comércios, as repartições, as modistas se localizam nessa parte da cidade. Aproveitando o ensejo, é importante lembrar que a base da economia de Manaus antes

da Zona Franca se baseava nos pequenos comércios e podemos ver isso na exposição de uma das entrevistadas: “O emprego era mais difícil que hoje, antes era só quem tinha comércio” (M. C. G. S., 82 anos, pesquisa de campo, 2011). Outro depoimento relevante: “O comércio era mais caro, não tinha muita loja, não tinha muita novidade” (M. I. G. M., 80 anos, pesquisa de campo, 2011).

Como já foi dito, os informantes eram moradores de bairro e as moradias ruins, relataram que era de palha, e que ainda não havia casas de alvenaria. Em contrapartida, no centro da cidade tinham muitos casarões e o que eles chamam de apartamento – construções mais estreitas de dois andares. A senhora E. M. B (79 anos, 2011) afirma que as moradias ricas “era como se fosse a classe média hoje, eram apartamentos de dois andares. [A moradia dos] mais pobres eram de madeira e cobertas de palha”. Dona M. C. M. F. depõe:

Quem tinha dinheiro mesmo morava na Av. 7 de setembro, Joaquim Nabuco, Eduardo Ribeiro ali eram os prédios sociais. Já quem não tinha muito dinheiro tinham as casas de comeeira, Beco da Esperança, na 7 de setembro (M.C.M.F., 86 anos, pesquisa de campo, 2011)

Os informantes relataram que suas infâncias e adolescências refletiam nas brincadeiras de rua, até pelo fato da figura paterna e de chefe de família ser muito forte e respeitada. O caso das pessoas entrevistadas serem do sexo feminino nos fez perceber que essas fases da vida foram tranquilas e que a figura do irmão, principalmente o mais velho, era de extrema importância, como se pai e filho trabalhassem juntos para a proteção da filha.

As brincadeiras mais comuns eram as de roda, com bola, boneca, donas de casa. Na adolescência se fazem presente as conversas na frente de casa, festas da igreja (arraiais) e os cinemas. Em Manaus havia vários cinemas e as sessões mais frequentadas eram as matines, aonde as moças iam muito bem vestidas e os rapazes também. O cinema representava um ponto de paquera.

A cidade antes da implantação da Zona Franca de Manaus era extremamente segura na visão dos informantes. A violência quase não existia, ou então não era vista. Quando acontecia algo na cidade que envolvesse violência era divulgado e tinha uma repercussão enorme com mistura de muito repúdio da população. As pessoas denominadas “doidas” eram todas conhecidas e tentavam manter um bom convívio ou evitavam passar pelas ruas ou lugares que cada um ficava.

Como podemos observar no depoimento de M. C. G. S (82 anos, 2011), a “cidade [de Manaus] era muito tranquila, muito boa. Muito tranqüila, não acontecia quase nada. Acontecia, mas não era nada sério”; na narrativa de M. I. G. M (80 anos, 2011), “a gente tinha mais medo dos cachorros na rua”.

A questão da educação é um tanto quanto delicada pelo fato de não envolver somente o conteúdo em si. É dada uma grande importância para a postura dos professores e dos alunos. O fato dos pais trabalharem em conjunto com os professores e esses últimos serem extremamente respeitados, ao ponto de serem autorizados a dar castigos disciplinares e nunca serem contrariados pelos pais.

No que indica aos conteúdos que eram trabalhados dentro das salas de aula, eles acreditam que eram melhores antes da implantação da Zona Franca de Manaus (na época em que eram estudantes), pois não era tanto conteúdo, mas metodologia utilizada era melhor e de mais fácil acesso aos alunos, respeitavam a capacidade individual:

Na minha época as pessoas faziam até o quinto ano, mas era muito bom. Muitas pessoas importantes fizeram só até o quinto ano. Lembro que era o maior respeito pelos professor. Deus me livre fazer alguma coisa de errado, a gente ficava em pé quando os professores entravam nas salas (M.C.M.F, 86 anos, pesquisa de campo, 2011)

O meio ambiente é um fator muito interessante analisando a percepção deles, pois os mesmos demonstraram que a natureza não era um fator tão importante na época, e que mesmo sendo habitantes do Amazonas a estrutura do meio ambiente reflete na composição de uma área extremamente urbana. Por exemplo, natureza significa ruas arborizadas, casas com quintais bonitos e lugares definidos para passeios.

Consideramos que isso faz parte de uma ideologia criada no seio da sociedade em que a floresta é abundante, mas que se compõe muito distante da cidade. Construíram um espaço essencialmente urbano e trabalham isso como um ponto positivo. Podemos ver isso no depoimento de M. C. M. F. (86 anos, 2011): “Manaus é cheio de igarapé, por uma parte foi boa porque facilitou o trânsito”.

### **3.2 A Manaus de hoje**

O modo como os velhos de todos os lugares vivem resulta do modo como a sociedade se configura. Isso irá refletir na economia, na convivência familiar e também na própria estrutura da cidade para abrigar os velhos e também as mais diversas faixas etárias.

Temos a impressão de que a cidade se torna cada vez mais individualista e por consequência, competitiva. Isso faz com que os velhos se tornem um empecilho para o desenvolvimento da sociedade como um todo e por isso são deixados de lado.

Programas de políticas públicas, ou iniciativas particulares para o amparo de velhos são os que muitas das vezes fazem com que eles sobrevivam mais tempo, ou que se sintam mais ativos, necessários e amados. Eles se sentem mais incluídos na sociedade, o depoimento de dona M. C. M. F (86 anos, 2011) pode demonstrar isso: “Eu só tenho vontade de vir aqui. Porque aqui eu sou bem tratada, aqui as pessoas não são falsas. Porque o que eu mais odeio é

falsidade”. Dona E. M. B. (79 anos, 2011) também expõe sua realidade: “Hoje eu só venho pra esse grupo e pra igreja”.

Ao convivermos com os velhos e não somente aqueles que entrevistamos, tivemos a oportunidade de conversar e analisar como eles se auto-reconhecem. Achamos que isso tem uma grande importância, porque muitas das vezes são determinadas formas de tratamento que não necessariamente traduz como aqueles que estão na condição se reconhecem.

A partir disso perguntamos se eles se reconhecem como *velhos*, *idosos* ou *pessoas de terceira idade*. A maioria respondeu velho e/ou idoso, porém ninguém se reconheceu como terceira idade. O depoimento de M. C. M. F. (86 anos, 2011) revela essa compreensão: “Tanto faz, pra mim tanto faz, se me chamar de velha tudo bem. Pode me chamar de velha, pode me chamar do que quiser, eu não sou mesmo nova”

Vejamos o que afirma D. B. (60 anos, 2011): “Estou entrando agora na velhice, mas podem me chamar do que quiser, até acho carinhoso me chamar de minha velha. Vivi muito bem as outras fases da vida”. M. C. G. S (82 anos, 2011) argumenta: “Me reconheço como velha e as pessoas podem me chamar como acharem melhor, mas que tenham respeito”. Dona P. M. (85 anos, 2011) alega: “Eu sou velha, tenho 85 anos, mas sou ativa, lavo, cozinho, passo roupa e ainda venho pra cá. As pessoas podem me chamar do que quiser, sou feliz e são 85 anos muito bem vividos”. M. I. G. M. (80 anos, 2011) diz: “Prefiro que me chamem de idosa, ou melhor, idade, mas não gosto muito do termo”. Dona E. M. B (79 anos, 2011) é incisiva: “Velha, nova não sou, né? Mas hoje as pessoas tendem a não respeitar, mas acredito que não depende do termo e sim da educação da pessoa”.

A partir disso decidimos continuar utilizando o termo “velho”, afinal trata-se de uma pesquisa científica na qual trabalhamos com categorias. E além de estarmos apoiados nas

respostas dos velhos, nos sentimos inspirados na obra *Memória e sociedade: lembranças de velhos* da autoria de Ecléa Bosi.

As questões a serem exploradas nesta seção foram decididas a partir dos assuntos que mais se desenvolveram de forma similar entre os indivíduos da pesquisa.

A cidade passou por uma grande modificação estrutural e por conseqüência aumentou consideravelmente de tamanho. Como resultados surgiram novos bairros e uma diversidade de construções para moradia. Com toda essa mudança os velhos entrevistados acharam que as moradias melhoraram consideravelmente, até mesmo as dos menos privilegiados. Não concordam com casas em beira de igarapé, acham que o governo deveria tomar uma atitude mais radical, mas que providenciasse moradia para as pessoas.

Acreditam que é um verdadeiro crime a destruição das antigas arquiteturas e construções localizadas no centro da cidade e também a questão do abandono. Isso é um fator bom pelo fato de saber que eles não querem perder a imagem que está na memória e muito menos desconfigurar uma parte significativa da cidade e podemos ver isso claramente no depoimento de M. C. G. S (82 anos, 2011): “O governo deveria dar um jeito para melhorar aquelas casas, elas só tem mato. Tem que preservar, marcou a vida de uma pessoa”.

A segurança em Manaus é uma questão muito delicada, pelo fato da cidade ter recebido um grande número de pessoas de todas as localidades e os habitantes tradicionais terem perdido o controle social. Quando nos referimos a isso queremos dizer que antes eles conheciam os possíveis perigos e hoje não.

A tranquilidade que caracterizava a cidade antes da implantação da Zona Franca de Manaus dá lugar para a insegurança da população. Os velhos entrevistados afirmam que não se tem mais segurança para sair de casa sozinhos. Como podemos ver: “A diversão era melhor porque hoje os jovens não podem nem se divertir tem muita violência, até nas escolas” (M. C.



G. S., 82 anos, pesquisa de campo, 2011) e também: “Antigamente a gente podia confiar nos policiais, hoje não” (M. C. M. F., 86 anos, 2011).

Até mesmo a relação de vizinhança se modifica por uma questão de segurança como podemos notar na afirmação de dona P.: “Você tem um vizinho, acha que conhece ele, mas ele é outra coisa totalmente diferente. Hoje não dá pra confiar em ninguém, né?”

As ruas e calçadas da cidade não facilitam a vida dos velhos, pelo fato de não terem acesso às calçadas, os carros tomam conta das que existem e poucas são as que têm uma estrutura digna para os pedestres.

As ruas são esburacadas e o governo não possui um compromisso de consertar direito, como podemos ver no depoimento de M. I. G. M (80 anos, 2011) “tem que consertar direitinho, fazer pouco, mas fazer direitinho. Consertam hoje e amanhã o buraco está lá. Assim não pode”.

Com a chegada da Zona Franca de Manaus o comércio, na visão dos velhos, melhorou muito e principalmente a vida das pessoas. Pois surgiram mais empregos, o acesso aos produtos em relação aos custos e a variedade aumentara consideravelmente. Alguns depoimentos podem nos retratar a satisfação dos que viveram o processo da implantação: “Depois da Zona Franca melhorou de vida, porque as pessoas começaram a trabalhar. A Zona Franca foi muito boa e importante para Manaus” (M. C. G. S., 82 anos, pesquisa de campo, 2011); “Houve a facilidade de fazer compras, qualquer um pode ter seu carro se for trabalhador” (E. M. B., 79 anos, pesquisa de campo, 2011).

A questão da educação aparece também de forma delicada neste segundo objetivo, pois o lado que se refere ao conteúdo e acesso é satisfatório, a questão do respeito não se encontra mais presente e isso dificulta muito o aprendizado e pra eles isso é um ponto fundamental, como podemos ver: “A educação é melhor porque tem mais experiência,

evoluiu muito” (M. C. M. F., 86 anos, pesquisa de campo, 2011); “Hoje tem muita informação, mas eu não daria mais aula hoje é capaz de apanhar de aluno” (Dona P., 85 anos, pesquisa de campo, 2011).

Antes não tinha uma tecnologia muito avançada, porém todos conseguiam aprender de forma simples e que até hoje não esquecem. Podemos ver uma crítica a questão da metodologia: “Hoje jogam muito assunto pra cima dos alunos, vejo os meus netos sufocados, antes não era assim e se aprendia pra não esquecer mais” (E. M. B., 82 anos, pesquisa de campo, 2011).

O meio ambiente é trabalhado na visão deles como uma questão importante no sentido de perceberem que a cidade está cada vez mais quente e há o desaparecimento gradual das árvores. A poluição dos igarapés aparece como algo triste e perigoso, principalmente porque eram locais aonde tomavam banho, se encontravam para o lazer e hoje além de estarem poluídos os habitantes ao seu redor não são bem vistos e são apontados como causadores da poluição.

Podemos ver isso claramente no depoimento da senhora M. C. M. F. (86 anos, pesquisa de campo, 2011): “Acho importante preservar a natureza porque uma cidade com mais árvores é menos calor, uma casa arborizada bonitinha” e nas palavras de M. C. G. S. (82 anos, pesquisa de campo, 2011): “Antes não tinha essa moradia em igarapés. O governo dava lotes de terra, a zona leste não existia, a cidade era mais respeitosa com a natureza. Eu me lembro muito bem que tinha um vizinho no Japiim que matava onça lá perto de casa”.

Dona E. M. B. (79 anos, pesquisa de campo, 2011) também dá seu depoimento afirmando que “a questão dos igarapés antes eles serviam de lazer era bonito. Hoje, esse Igarapé do 40 é feio e ainda é mal visto por causa dos moradores”.

### 3.3 Representações sociais do futuro

A perspectiva de futuro é dada de uma maneira essencialmente qualitativa por projetar uma cidade futura tendo em vista que é a partir da experiência individual que eles conseguem construir ou idealizar a Manaus que seus mais diversos herdeiros irão habitar.

Por mais que eles tenham perspectivas individuais há questões que se mostraram homogêneas e começaremos explorando-as.

Os informantes retrataram que Manaus está passando por um processo de modificações, mas que muitas delas não são favoráveis para a composição da cidade e de seus habitantes, porém todos acreditam que ela continuará sendo uma boa cidade e que vão surgir meios para que ela melhore cada vez mais.

Outra questão que foi consenso entre os entrevistados foi a respeito da Zona Franca de Manaus, eles acreditam que a cidade não tem condições para viver sem ela. Isso demonstra o quanto a implantação foi importante para a vida deles e como eles enxergam a trajetória da cidade de Manaus. Somente uma entrevistada afirmou que “vai ter que surgir alguma coisa se a Zona Franca de Manaus não existir mais” (D.B., 60 anos, pesquisa de campo, 2011).

Alguns depoimentos relacionados a probabilidade da extinção da Zona Franca de Manaus: “Minha filha, antes não tinha nada em Manaus como é que vão tirar a Zona Franca? Manaus vai parar no tempo novamente” (E. M. B., 79 anos, pesquisa de campo, 2011); “A Zona Franca não pode acabar, tem que haver um jeito pra não acabar, Manaus não seria desenvolvida sem a Zona Franca” (M. I. G. M., 80 anos, pesquisa de campo, 2011). A senhora M. C. M. F (86 anos, 2011) acredita que a cidade de Manaus será melhor para os seus herdeiros pelo fato do estudo estar muito avançado, possui o desejo que a cidade “progrida cada vez mais” e que “tem que ter um governador muito responsável. Que ele tenha passado por muitas coisas ruins para poder querer melhorar as coisas” e afirma que “uma cidade que

não tem contato com a natureza fica muito exposta”. O ponto mais fundamental tocado pela senhora M. C. M. F. pra um futuro melhor e que

temos que ter respeito um aos outros. Porque tem gente que não respeita nem pai nem mãe. Eu não lembro de nunca ter desrespeitado meu pai e minha mãe. A educação vem de dentro de casa, porque a pessoa sendo educada dentro de casa com seus familiares sabe ser educado fora (M. C. M. F, 86 anos, pesquisa de campo, 2011)

Dona M. I. G. M. (80 anos, 2011) acredita que Manaus ainda tem muito a progredir por causa das tecnologias e que isso será um fator muito importante. Afirma também que se o governo se conscientizar e melhorar a educação a cidade pode ficar melhor e o “respeito vai virar algo comum, o que já deveria ser a muito tempo”.

A senhora D. B. (60 anos, 2011) acredita que Manaus ainda é uma cidade que tem muito pra desenvolver e até consegue projetar a cidade daqui algum tempo com “os carros voando, o congestionamento vai ser no céu”. E em relação a educação acredita que tem que melhorar muito, pois é através dela que esse progresso irá chegar a nossa capital.

E. M. B. (79 anos, 2011) vê a cidade como a melhor para morar em comparações as outras cidades do Brasil e acredita que ainda por um bom tempo será assim. Mas crê que temos que cuidar da cidade, mas os próprios habitantes, seja cada um fazendo sua parte ou no poder público, pois afirma que “vem tanta gente de fora e não conhece a nossa história, do que a gente realmente precisa”.

Dona P. (85 anos, 2011) já explorou uma Manaus na questão moral afirmando que “as mulheres tem que se dar mais valor, muito valor, mas é o que elas não estão fazendo”. Acreditamos que ela entrou na questão moral de uma mulher, pois ela quem deve passar a educação familiar para os filhos, para ela isso é fundamental em qualquer época da história,

independentemente da compreensão de desenvolvimento e moderno pregado pela mídia hoje. Portanto, a partir da conservação dos valores morais há como a cidade se desenvolver melhor.

A senhora M. C. G. S. (82 anos, 2011) enxerga uma cidade que está num momento em que precisa de muita ajuda e que as mudanças para o futuro devem começar a partir da segurança da população e uma nova definição de educação, mas no sentido de se utilizarem das metodologias de antigamente e enquadrando as tecnologias. O poder público também se faz presentes nos seus argumentos no que concerne ao comprometimento maior e sério dos governantes. Mas ainda sim vê Manaus como uma cidade ótima para morar e de oportunidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões feitas através das representações sociais dos velhos pudemos observar as mudanças estruturais da cidade, mas também transformações importantes com relação aos costumes. Em razão disso, apresentaremos algumas considerações finais (algumas mais hipotéticas do que reais) a respeito dos assuntos e/ou temas que abrangem Manaus.

O ponto tratado sobre a educação nas escolas e o respeito às hierarquias a nosso ver refletem as contradições da sociedade. Antes a educação que era dada dentro de casa se tratava de uma forma de ensinar a respeitar o próximo, principalmente no que diz respeito aos mais velhos ou hierarquicamente superiores. Porém vivíamos em uma cidade tranqüila e traçada por pequenos comércios e poucos habitantes.

Com a implantação da Zona Franca de Manaus, o crescimento da cidade, a miscigenação e a mudança do planejamento econômico fez com que os costumes e os modos de se relacionar mudassem. A cidade se tornou um centro de economia e isso resulta em pensamentos essencialmente capitalistas, ou seja, individuais e competitivos.

Com todo esse crescimento estrutural e econômico a educação se modificou, o que começou a ser ensinado dentro de casa foram as estruturas de poder baseadas na economia. Por isso que hoje podemos observar que quanto mais o indivíduo ou a família têm mais recursos, mais acham que possuem direitos acima das outras pessoas. E isso reflete diretamente com a educação familiar e escolar.

Outra questão analisada foi que a denominação “velho” não possui a conotação negativa que o Estado impõe. E nos foi clareado que qualquer termo sendo utilizado

indevidamente ou de forma grosseira vai se tornar automaticamente pejorativa. Portanto, a condição de “velho” deve ser resgatada pelas pesquisas sociológicas.

Ficou bastante claro no decorrer da pesquisa que os velhos quando vão se referir a problemas que devem ser resolvidos por um olhar político eles sempre falam na figura do governador e isso foi um ponto muito interessante, pois a cidade antigamente por ser pequena deveria ter a figura do prefeito mais forte.

Com isso podemos pensar em duas possibilidades. A primeira seria a incompreensão das esferas políticas, não sendo muito claras para eles e que nas suas épocas não foi um ponto devidamente esclarecido, isso implica as gerações que vierem depois deles, pois como já foi dito anteriormente a educação começa dentro de casa. A segunda hipótese é que a partir do crescimento da cidade e por ser a capital do estado a figura do governador se faz mais presente que a do prefeito e diante disso possa haver uma confusão das esferas por eles.

Quando eles se referem à Zona Franca de Manaus podemos concluir que foi um processo extremamente significativo para a cidade e que eles têm o receio da cidade ficar estagnada com a extinção da Zona Franca, por isso é preciso pensar em medidas alternativas caso isso venha a ocorrer. Isso são depoimentos de pessoas que vivenciaram uma cidade de duas formas diferentes.

O meio ambiente pode ganhar novas interpretações na medida em que levantarmos um estudo sobre a forma como as pessoas de antigamente agiam e pensavam a natureza. Pois como foi exposta mais acima percebemos que as pessoas não tinham uma consciência do que era e do que representava o meio ambiente. E isso pode refletir nas gerações posteriores a esses indivíduos. Nesse caso entra a questão da educação novamente.

As iniciativas de projetos para trabalharem com velhos, em nossa perspectiva, são extremamente importantes para a inclusão dos mesmos na sociedade. Percebemos que através

do programa eles se sentem mais úteis, capazes de exercerem diversas atividades, além de continuarem a construir um ciclo de amizades. Observamos que as pessoas envolvidas há mais tempo no projeto tratam as pessoas como membros da própria família, dividindo os problemas, dando força e trocando experiências que envolvem os seus dias. Afinal, não podemos esquecer que cada fase de nossas vidas são caracterizadas por experiências próprias e devem ser compartilhadas.



## 5. REFERÊNCIAS

- BOSI, E. **Memória e sociedade. Lembrança de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto do idoso.** Brasília: Ministério da Saúde, 2003.
- DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico.** São Paulo: Abril, 1978 (Coleção os Pensadores).
- ELIAS, N. **A Solidão dos moribundos:** seguido de “Envelhecer e morrer”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- EVELYN, Heliana Baia (org.). **Velhice cidadã: um processo em construção.** Belém, PR: EDUFPA, 2008.
- GONDAR, J; DODEBEI, V. (orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/PPGMS/UERJ, 2005.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.
- JODELET, D. (ORG.). **As representações sociais.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- JOVCHELOVITCH, S; GUARESCHI, P. (orgs.). **Textos em representações sociais.** Petrópolis: Vozes, 1995.
- MARTINS, J. S. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômola.** São Paulo: Hucitec, 2000.
- MARX, K. & ENGELS, F. **Ideologia Alemã: Feurbach.** São Paulo: Hucitec, 1984.
- MINAYO, M. C; DESLANDES, S. F. CRUZ NETO, O. GOMES, R. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- NERI, A. L. (ORG). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade.** São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007.
- OLIVEIRA, J. A. **Manaus de 1920/1967. A cidade doce e dura em excesso.** Manaus: Editora Valer, 2003.
- REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social.** São Paulo: Cortez, 2007.
- SALAZAR, A. P. **Amazônia: Globalização e sustentabilidade.** Manaus: Valer, 2006.
- VIANA, N. **Senso comum, representações sociais e representações coletivas.** Bauru, SP: Edusc, 2008.

## 6. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Nº	Descrição	Ago 2010	Set	Out	Nov	Dez	Jan 2011	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
1	Levantamento Bibliográfico	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	
2	Pesquisa de Campo				R	R	R	R	R				
3	Aplicação de questionário					R		R					
4	Entrevistas					R		R	R				
5	Análise de dados						R	R	R	R			
6	Preparação do relatório parcial			R	R								
7	Preparação da apresentação oral parcial				R								
8	Análise dos resultados finais								R	R	R		
9	Revisão bibliográfica						R	R	R	R			
10	Elaboração do Resumo e Relatório Final											R	R
11	Preparação da Apresentação Final para o Congresso												R
		REALIZADO ®						PROGRAMADO (P)					